

OS DESTAQUES DAS PESQUISAS SOBRE INTERPRETAÇÃO DE LÍNGUA DE SINAIS NO CONTEXTO ACADÊMICO DA INTERPRETAÇÃO COMUNITÁRIA

Melanie Metzger
Universidade Gallaudet
melanie.metzger@gallaudet.edu

Resumo: Durante as últimas décadas, os acadêmicos da Interpretação de Língua de Sinais (ILS) têm criado um crescente campo de pesquisa. Esse trabalho cobre um vasto leque de tópicos, desde uma perspectiva psicolinguística até sociolinguística, desde a análise do processo cognitivo no qual estão inseridos os intérpretes de língua de sinais até a análise da estrutura de administração e participação de eventos interpretados, desde estudos orientados linguisticamente até estudos concentrados nos aspectos ambientais em situações específicas ou várias aplicações do procedimento de interpretação, que têm impacto na fluidez e no resultado do evento interpretado, quer seja esse um trabalho consecutivo ou simultâneo, presencial ou virtual. Além disso, essas contribuições ao nosso entendimento da ILS nem acontecem num vácuo, nem refletem assuntos limitados aos intérpretes de Língua de Sinais (LS). Esse artigo considera estudos seminais no campo de pesquisa da ILS e os contextualiza dentro da estrutura contextual ampla de pesquisa em torno da Interpretação Comunitária.

Palavras-chave: estudos em interpretação de línguas de sinais, categorias das produções sobre interpretação de línguas de sinais.

Abstract: Over recent decades, signed language interpreting (SLI) scholars have created a growing body of research. This work has covered a broad range of topics, from psycholinguistic perspectives to sociolinguistic ones, from analyses of the cognitive processes in which signed language interpreters engage, to analyses of the management and participation framework of interpreted events, and from linguistically-oriented studies to studies focused on aspects of the environment in particular set-

tings or on various applications of the interpreting process that impact on the flow and outcome of the interpreted event, be it consecutive or simultaneous work, in-person or via technology. However, these contributions to our understanding of SLI do not occur in a vacuum, nor do they reflect issues limited to SL interpreters. This paper examines seminal studies in SLI research, and contextualizes them within the larger framework of community interpreting research.

Keywords: sign language interpretation studies, categories of production on sign language interpretation.

Introdução

O campo da interpretação pode ser considerado sob inúmeras perspectivas. Normalmente, a interpretação de conferência e a interpretação comunitária são tidas como separadas uma da outra e, além dessas, a interpretação de língua de sinais (ILS) é, às vezes, identificada como uma categoria à parte dentro do campo como um todo. De fato, dissecar a interpretação em categorias taxonômicas (veja Pöchhacker, 2004) relacionadas ao trabalho, ao par linguístico ou modalidade, paradigma ou metodologia de pesquisa, é bem útil e fornece o fundamento necessário a partir do qual inúmeras atividades significativas podem surgir, tais como o ensino ou o estudo da história do campo; ou a partir do qual estudos empíricos podem ser contextualizados dentro da mesma linha de pesquisas que têm sido tecidas juntas desde as primeiras investigações empíricas sobre interpretação conduzidas nos anos 1950. Apesar disso, qualquer categorização taxonômica necessariamente reflete um ponto de vista específico. Por exemplo, no que a interpretação de conferência e a comunitária podem divergir com respeito ao gênero do discurso, elas também podem convergir no que tange à metodologia de pesquisa, se uma for concentrada em estudos quantitativos enfocando métodos experimentais ou entrevista por questionários. Por essa razão, a investigação repetida de um campo, com uma

variedade de pontos de vista, é bem útil aos profissionais, educadores, estudantes e pesquisadores acadêmicos.

Esse artigo vai se concentrar em uma área normalmente reservada de fato à sua própria categoria dentro do campo: interpretação de língua de sinais (doravante, ILS). Historicamente, a interpretação sinalizada e a falada têm sido comparadas de várias formas. De acordo com Roberts (1987), os intérpretes de línguas faladas ao longo da história recente têm trabalhado em situações de conferência e em outros contextos de alto nível, enquanto que, a ILS tem predominado em situações comunitárias e dialógicas. Roberts sugere ainda que os intérpretes de línguas faladas têm sido tratados com algum prestígio, talvez relacionado com os cenários nos quais trabalham, ao passo que, os intérpretes de Língua de Sinais (LS), têm normalmente tido de lidar com preconceitos linguísticos ou incompreensões a respeito do status das línguas de sinais serem sistemas completamente linguísticos.

Quer esses dois fatores permaneçam recorrentes ou não, uma distinção clara entre o trabalho de intérpretes de LS e intérpretes de línguas falada é o que faz toda a diferença. Ou seja, quando a maioria dos intérpretes de línguas faladas trabalha primariamente entre duas línguas orais, a maioria dos intérpretes de LS trabalha entre uma língua falada e outra sinalizada. Essa diferença de modalidade tem implicações no fazer interpretativo. Por exemplo, intérpretes de LS trabalhando no modo consecutivo, devem usar linguisticamente suas mãos e seus olhos, o que afeta a habilidade de se prontificar para atividades de tomar notas (ou *note-taking*, no original) que podem ser empregadas por intérpretes de línguas faladas. No entanto, os intérpretes de línguas faladas lidam com a questão do input e output auditivos simultâneos.

Uma consideração final a ser feita quando se compara a interpretação falada com a de LS é a de que, como esperado, nos contextos de interpretação de línguas faladas, os participantes primários não conhecem a língua de cada um. Talvez, isso não seja o caso dos intérpretes de LS. Surdos usuários da ILS podem, geralmente, ser bilíngues em ambas as línguas utilizadas em um evento interpreta-

do, mas a língua falada em situações “*cara a cara*” não é acessível. Assim, os intérpretes de LS podem lidar com circunstâncias nas quais um dos participantes primários é de fato bilíngue e, levantar questões em torno da língua em contato, bem como, em torno de noções de interpretação livre *versus* literal, que têm sido há tempos debatidas no campo da tradução e interpretação (Metzger, 1999).

Porém, a despeito dessas distinções entre a interpretação falada e de LS, o montante de trabalho performatizado pelos intérpretes permanece levemente semelhante. A tarefa fundamental de dizer em uma língua diferente o que uma pessoa disse a outra, e tudo o que isso implica em termos da habilidade do intérprete fazer as declarações-fonte terem sentido, processá-las e reformulá-las em uma segunda língua é algo bem consistente, mesmo sem considerar o par linguístico ou modalidade. Além disso, tanto os intérpretes de língua falada quanto de LS trabalham em nações pelo mundo afora e em contextos que incluem, tanto a interpretação de conferência quanto a comunitária.

O número total de pesquisas a serem examinadas é de 97. Esse processo começa com os primeiros estudos identificados de ILS, os quais começaram nos Estados Unidos (EUA), nos anos 1970, cerca de 20 anos depois que a primeira pesquisa moderna sobre interpretação de língua falada foi conduzida. Os 97 estudos representados aqui estão primariamente selecionados a partir de duas fontes: a base de dados da *Bibliografia Internacional de Língua de Sinais* (ou *International Bibliography of Sign Language*, no original), disponível em <http://www.sign-lang.uni-hamburg.de>, e o periódico *Jornal de Interpretação* (ou *Journal of Interpretation*, no original), publicado pela Registro de Intérpretes para Surdos (ou *Registry of Interpreters for the Deaf – RID*, no original), que é a associação profissional de intérpretes de LS nos EUA. As pesquisas examinadas neste artigo cobrem quatro décadas – dos anos 1970, 1980, 1990 – e os cinco primeiros anos dos anos 2000, e a descrição desses estudos, por década, será seguida por um resumo e uma conclusão.

Vale ressaltar que são enfatizados três pontos sobre os estudos que fazem parte da análise. Primeiramente, apenas aquelas pesquisas que apareceram na base de dados ou no periódico já mencionados é que estão incluídas e, dentro dessas, somente os estudos que puderam ser obtidos para análise no formato impresso¹. Segundo, apenas aquelas pesquisas que são evidentemente empíricas e experimentais estão incluídas nessa investigação. Finalmente, o propósito deste estudo é começar a desenvolver um entendimento acerca das pesquisas do campo da ILS e a análise não inclui uma crítica quanto à qualidade dos estudos analisados. Uma análise qualitativa dessa natureza vai além do escopo deste artigo.

1. Pesquisas empíricas de ILS: anos 1970

As primeiras investigações empíricas de ILS começaram durante os anos 1970 com a pesquisa experimental mais antiga de todas até aquele momento, publicada em 1974, em um volume especial do periódico *Jornal da Reabilitação para os Surdos* (ou *Journal for Rehabilitation for the Deaf*, no original).

1.1 Assuntos abordados nos anos 1970

Durante os anos 1970, dos sete assuntos que receberam destaque, aquele que foi mais significativo durante essa década foi o de efetividade ou caracterização do intérprete. Esse assunto foi relevante para todos os 10 estudos identificados durante esse período, salvo outros adicionais mencionados (vide tabela 01 abaixo). Entre as primeiras pesquisas conduzidas sobre esse assunto, a de Brasel et al (1974) concentrou sua atenção em uma entrevista com intérpretes, que buscava determinar o que esses profissionais por si mesmos enxergavam como habilidades essenciais para a interpretação, enquanto que, Schein (1974), combinou instrumentos de teste psicológicos com análises de interpretações de textos-fonte,

num esforço de conectar características de personalidade com a habilidade de interpretação.

Outro assunto emerso desses primeiros estudos é a análise de textos-fonte e textos-alvo. Por exemplo, no caso da pesquisa de Schein (1974), compararam-se textos-fonte e textos-alvo de intérpretes, a fim de estabelecer conexões entre características de personalidade e a habilidade de interpretar. Mais de 75% das pesquisas do período compararam fonte e alvo dentro do contexto da efetividade da interpretação, utilizando-se de meios variados para fazer essa comparação, incluindo o uso de interpretações seguidas de testes de múltipla escolha para a “audiência” (Fleischer, 1975; Murphy & Fleischer, 1976; Norwood, 1976).

Um assunto que, tipicamente, é de grande interesse aos intérpretes de línguas faladas, está relacionado com os processos cognitivos envolvidos na interpretação. Esse assunto está mencionado em apenas menos de 25% desses primeiros estudos sobre ILS. Embora a porcentagem seja pequena, é evidente que se trata de um assunto relevante. Dos estudos que refletem um interesse pelo processamento cognitivo, um deles se concentra nos efeitos da fadiga na competência dos intérpretes, encontrando que o intervalo de tempo entre 20 e 30 minutos é o melhor para o trabalho de interpretação (Babbini, 1976). Ainda que essa seja uma pesquisa com escala relativamente pequena, o intervalo de tempo de 20 a 30 minutos tem se tornado uma prática comum entre os intérpretes que trabalham em equipes e, além disso, essa prática pode ser tida como originada a partir dessa pesquisa fundacional (Roy, comunicação pessoal, 2005).

Durante os anos 1970 nos EUA, a questão judicial (legislação) tinha sido ou vinha sendo passada como aquilo que dava suporte, entre pessoas surdas e ouvintes, à ideia de ter de se conseguir intérpretes. Por exemplo, em 1975, uma Lei Federal versava que deveria ser providenciado acesso à educação para crianças surdas, o que, normalmente, significava que os estudantes surdos se juntariam a estudantes ouvintes em escolas públicas de ouvintes, com um intérprete (ao invés de ter acesso a aulas conduzidas vi-

sualmente na Língua de Sinais Americana – ASL em uma escola para crianças surdas). Dentro do campo da ILS, fatos voltados à questão judicial (legislação), tais como esse, tinham tido um impacto nos cenários nos quais os intérpretes comunitários se encontravam trabalhando, não somente em contextos universitários, mas interpretando agora desde o “jardim de infância” até às realidades de sala de aula de Ensino Médio pré-universitário. A importância da interpretação educacional pode ser vista na análise de assuntos abordados nos anos 1970, quando cerca de 75% das pesquisas dessa década trazem dados colhidos em situações de interpretação pós-secundária (vide tabela 01).

Em acréscimo ao cenário educacional, as pesquisas nessa década também mencionam a interpretação de conferência (10%) e a interpretação na mídia (20%), que apareceu por último, em uma pesquisa sobre uma comparação de notícias de TV interpretadas versus notícias legendadas (Norwood, 1976).

Tabela 01: pesquisas empíricas de ILS: assuntos abordados durante os anos 1970.

N = 10		#	%
assunto	interpretação: efetividade/caracterização	10	100% ²
	comparação entre fonte e alvo	8	80%
	processamento cognitivo	2	20%
	linguagens em contato: livre X literal	3	30%
	interpretação educacional	7	70%
	interpretação de conferência	1	10%
	notícias de TV	2	20%

O resumo dessas pesquisas durante os anos 1970 como visto na tabela 01 revela que sete tipos diferentes de assuntos receberam atenção durante esse período de tempo, sendo que, três deles são relacionados a cenários comunitários específicos nos quais os intérpretes de LS trabalham.

1.2 Metodologias dos anos 1970

Como se pode ver abaixo na tabela 2, todas as pesquisas dessa década são de metodologia quantitativa.

Tabela 2: pesquisas empíricas de ILS – metodologias dos anos 1970³

N = 10		#	%
método	quantitativo	10	100%
	qualitativo	-	-
	qualiquantitativo	-	-
	entrevista por questionário	2	20%
	experimental	8	80%
	naturalista	1	10%

Dessas pesquisas quantitativas, 80% são experimentais em termos de modelo de investigação. Menos de 25% delas são baseadas em entrevistas por questionários e, apenas 10% representam dados naturalistas. Esses foram usados em apenas uma pesquisa que focalizou até onde chegam os estudantes universitários surdos atendidos por um intérprete durante as atividades interpretadas do curso. Nessa pesquisa, o “diferencial” estava baseado no *olhar fixo* do estudante surdo para o intérprete de língua de sinais. Durante a observação presencial, e por um período de cinco minutos, notou-se a manifestação do *olhar fixo*. Esses achados indicam que os

estudantes foram influenciados de alguma forma pela presença do pesquisador, já que, durante uma observação inicial, o *olhar fixo* foi direcionado frequentemente para o observador. Essa pesquisa merece ser mencionada por, pelo menos, três razões. Em primeiro lugar, um estudo similar sobre a atenção dada ao intérprete de língua falada não é possível (pelo menos, não utilizando o mesmo design), uma vez que o olho e as orelhas funcionam de maneira bem diferente. Uma pessoa não pode medir até quanto um participante primário “ouve” uma interpretação. Em segundo, medir o olhar fixo é uma ferramenta útil para avaliar a atenção, mas de nada vale dizer que esse mesmo *olhar fixo* sozinho não garante a atenção. Em terceiro, esse estudo é notável por se tratar de uma investigação que fez uso de dados naturalistas numa época em que dados experimentais eram muito mais comuns.

1.3 Nações representadas durante os anos 1970

Dos estudos localizados nos anos 1970, 100% representam pesquisas de e sobre intérpretes de língua de sinais nos EUA (veja tabela 03).

Tabela 03: pesquisas empíricas sobre ILS: nações representadas nos anos 1970.

N = 10		#	%
nações	Estados Unidos da América (EUA)	10	100%

Como será visto em sessões mais adiante deste artigo, o número de nações representadas aumenta com o passar do tempo.

1.4 Paradigmas representados nos anos 1970

Acadêmicos da interpretação reconhecem que as pesquisas empíricas de interpretação refletem hipóteses básicas e teorias de

um determinado tempo (Moser-Mercer, 1994; Shlesinger, 1995). Pöchhacker (2004) descreve cinco abordagens de pesquisa, refletindo paradigmas dentro do campo da interpretação, abrangendo superficialmente o mesmo espaço de tempo em que estão as pesquisas analisadas neste artigo. Esses cinco paradigmas são aplicados aos estudos neste artigo para contextualizar os estudos de ILS dentro do cenário acadêmico mais amplo da Interpretação⁴.

O primeiro paradigma é o da *teoria interpretativa da tradução*, mais associada particularmente com Seleskovitch e Lederer (vide Seleskovitch, 1975; Lederer, 1981). A ênfase dessa “*teoria do significado*” (ou “*théorie du sens*” no original) está na transferência de significados de uma língua para outra por intermédio de um processo de “*desverbalização*” (ou “*déverbalisation*” no original), extraindo a mensagem-fonte de seu pacote linguístico e transferindo-a em conteúdo e intenção, para os limites linguísticos formais da língua-alvo. O foco aqui está exclusivamente na interpretação de conferência, tanto simultânea quanto consecutiva. Os 97 estudos mencionados aqui não representam em grande parte esse paradigma, devido à natureza intensamente refletiva e à ênfase da interpretação de conferência nessa tradição⁵, mas os intérpretes de LS nos EUA têm sido retirados desse paradigma e, Seleskovitch por si mesma tem apresentado discursos extremamente importantes para as convenções nacionais de ILS, como também, publicados em periódicos da área de ILS (Seleskovitch, 1992).

A neurolinguística ofereceu um dos primeiros paradigmas para a análise da interpretação, aproximando-se tanto de teorias quanto de métodos que se estendiam para além da tradução em si (Pöchhacker, 2004:81). Fabbro et al. (1990) e Fabbro e Gran (1994) são mais significativamente associados a esse paradigma, que também enfoca com bastante intensidade a questão do processamento cognitivo, mas, o qual é influenciado pela estrutura da neurofisiologia e da neuropsicologia. A metodologia mais comumente associada a esse paradigma é a experimental.

O processamento cognitivo é o paradigma que tem um efeito mais direcionado à abordagem teórica interpretativa, já que au-

mentou o interesse dos intérpretes de conferência pela aplicação de métodos científicos mais rigorosos ao estudo da interpretação (cf. Gile, 1990). O paradigma do processamento cognitivo descrito em Pöchhacker (2004) está associado inicialmente ao trabalho de Gerver (1976) e fundamentado na estrutura da psicologia cognitiva. Métodos de pesquisa mais comumente associados a essa tradição incluem pesquisa de campo, como também, estratégias experimentais e entrevistas por questionário. O foco está tipicamente na interpretação de conferência, incluindo tanto a simultânea quanto a consecutiva. Vários modelos desses processamentos cognitivos – inspiram-se especialmente nos exemplos de em Gerver (1976) e no ‘*modelo de esforço*’ de Gile (1995) – tem sido também desenvolvidos por teóricos da ILS (veja, por exemplo, Gish 1986 e Cokely 1985), mas, modelos teóricos, a menos que sejam baseados em dados empíricos, estão além do escopo deste artigo.

Nos anos 1980, os acadêmicos da interpretação ampliaram seus interesses para além dos processamentos cognitivos e começaram a explorar os textos em si. Logo, a análise de textos-alvo, envolvendo tanto a linguística textual quanto os estudos do discurso, encontram uma estrutura de trabalho em abordagens teóricas como a do “escopo” ou como a abordagem teórico-tradutória orientada conforme o texto-alvo, estando mais significativamente associadas a referências de autores como Shlesinger (1989) e Pöchhacker (1994). Esse paradigma, fundamentado nos estudos da tradução e do discurso, fia-se metodologicamente a trabalhos de campo, projetos de pesquisa de entrevistas por questionários, focalizando-se tanto na interpretação de conferência quanto na interpretação dialógica.

Finalmente, fundamentada na sociologia e na sociolinguística, os anos 1980 testemunham a emergência do paradigma da interação discursiva de base dialógica, associada com referências de pesquisa conduzidas por Wadensjö (1992, 1998) e Roy (1989; 2000). A metodologia principal dentro desse paradigma é o trabalho de campo e o foco dos estudos dentro dessa tradição são amplamente dialógicos e, conseqüentemente, um tanto quanto fundamentados na interpretação comunitária. Roy mesmo é uma acadêmica da ILS

e sua pesquisa seminal de 1989 de trocas de mudanças de decisão em um evento interpretado contribuiu bastante para os estudos posteriores de interpretação, tanto de línguas faladas quanto sinalizadas, os quais, enfatizam mais a interação discursiva que o processamento da informação, presente em estudos anteriores sobre interpretação.

Tabela 4: estudos empíricos de ILS: paradigmas dos anos 1970.

N = 10		#	%
paradigma	teoria interpretativa da tradução	-	-
	Neurolinguística	-	-
	processamento cognitivo	2	20%
	abordagem teórico-tradutória orientada conforme o texto-alvo	8	80%
	interação discursiva	-	-

Apenas dois paradigmas refletidos nas pesquisas dos anos 1970 estão sob análise aqui. Mais de 75% desses estudos podem ser considerados afins à descrição de Pöchhacker em relação à abordagem orientada ao texto, já que, concentram-se na produção textual ou na mediação. Menos de 25% das pesquisas dessa década apenas, são afins ao paradigma do processamento cognitivo. Os estudos em si desse período não se auto-identificam como sendo pragmaticamente fundamentados e nem mesmo provem necessariamente uma descrição aprofundada da estrutura teórica a partir da qual surge a investigação. A despeito do fato do paradigma da orientação conforme o texto-alvo não ter “nascido” oficialmente nos estudos da interpretação de línguas orais na Europa entre o final da década de 1980 ou início dos anos 1990, essas primeiras pesquisas sobre ILS estão de acordo com as estratégias metodológicas (questionários ou pesquisas de campo) e com o foco da produção textual característi-

co dessa tradição (por Pöchhacker, 2004). Esses trabalhos permanecem sendo fundacionais, ainda que, enquanto primeiras pesquisas sobre ILS, não percorram caminhos por objetos significativos como as normas tradutórias (de Toury, 1995) ou como a teoria do escopo (de Vermeer, 1989). Apesar disso, eles refletem claramente um interesse inicial pela efetividade contextualizada de textos-alvo, bem como, pelas necessidades comunicativas da audiência-alvo, tanto em eventos interpretados monológicos quanto dialógicos, até trabalhando ao longo das falas desses últimos, como já se tem, por exemplo, pesquisas como as de Nida (1964) ou Kirchoff (1976) nos estudos da tradução (ET). Também ficou bem claro que o foco inicial das pesquisas sobre interpretação comunitária de LS se tratou mais de uma abordagem funcionalista que de um processamento da informação, com uma intensa confiança, mais em métodos quantitativos e experimentais, que em pesquisas de campo.

1.5 Resumo dos anos 1970

Essas pesquisas da década de 1970 representam sete diferentes tópicos de investigação e uma abordagem metodológica predominante (quantitativa). Em acréscimo, apenas uma nação está representada por essas pesquisas, que são os Estados Unidos da América (EUA). Os paradigmas do processamento cognitivo e da orientação conforme o texto-alvo são os dois refletidos nos estudos dessa década. Além disso, um estudo seminal, ainda que não muito extenso, sobre o impacto da fadiga em intérpretes de LS, sugerindo que, de 20 a 30 minutos, é o tempo máximo dentro do qual os profissionais intérpretes de LS podem trabalhar melhor sem que a fadiga ou cansaço interfira em sua performance, tem tido um grande impacto na prática de ILS nos EUA. Por fim, as primeiras pesquisas dentro dos anos 1970 fazem mais uso de uma abordagem funcionalista combinada com um design investigativo experimental e conferem menos ênfase ao processamento cognitivo, que o que pode ser visto nas pesquisas sobre interpretação de línguas faladas durante o mesmo espaço de tempo.

2. Pesquisas empíricas de ILS: anos 1980

A análise prática das pesquisas sobre interpretação de língua de sinais conduzidas nos anos 1980 revela algumas mudanças em relação à década anterior. De um total de 97 estudos, 24 foram realizados durante os anos 1980. Desses, um grande número de tópicos estão representados, bem como, uma vasta seleção de metodologias e paradigmas nos quais se baseiam as pesquisas. A maioria dos estudos examinados ainda representa os Estados Unidos, embora isso permaneça mudando nas duas décadas seguintes.

2.1 Assuntos abordados nos anos 1980

Em acréscimo aos sete tópicos representados nos anos 1970, dois novos tópicos aparecem nos anos 1980: segurança e condições de trabalho, e o papel do intérprete na comunidade de intérpretes.

Tabela 5: pesquisas empíricas sobre ILS: assuntos abordados nos anos 1980.

N = 24		#	%
assuntos	interpretação: efetividade/caracterização	8	33%
	comparação entre fonte e alvo	6	25%
	processamento cognitivo	4	17%
	linguagens em contato: livre X literal	5	21%
	educação ou avaliação de intérpretes	2	8%
	condições de trabalho / segurança ocupacional	3	13%
	contextos educacionais	6	25%
	interpretação de conferência	6	25%
	papel/código de ética	2	8%

Como nos anos 1970, o tópico que recebeu maior atenção na década de 1980 está ligado à eficiência e caracterização da interpretação. No entanto, nesses mesmos anos 1980, há uma grande diversidade de assuntos nas pesquisas, assim sendo, enquanto esse assunto constituía 100% dos estudos nos anos 1970, perfaz apenas 33% dos estudos nos anos 1980. Comparado aos anos 1970, os dois tópicos seguintes que receberam maior atenção incluem comparações entre fonte e alvo e interpretação educacional. Porém, as pesquisas dos anos 1980 também refletiram um nível similar de interesse por um terceiro assunto, que é a interpretação de conferência. Cada um desses três temas representa cerca de 25% do total de estudos dessa década. Isso diverge da história acadêmica dentro da interpretação de línguas faladas, em que a interpretação de conferência era a primeira área a receber atenção, com a interpretação comunitária recebendo maior atenção em anos posteriores. Os estudos da interpretação de língua de sinais começaram nos anos 1970 com ênfase na interatividade, em ambientes comunitários e, primeiramente, em instituições de ensino fundamental e médio. Durante os anos 1980, a avaliação de intérpretes nas salas de aula se estende para incluir, desde o jardim de infância até o nível médio (Finnegan, 1986; Gustason, 1985).

Assim como nos anos 1970, o assunto que recebeu outro nível de atenção é o de linguagens em contato no que concerne à interpretação “livre” *versus* “literal”. Nessa década, esse tópico perfaz 21% dos 24 estudos, e é seguido de perto pelo processamento cognitivo, com 17%. Notoriamente, em um estudo interno da categoria anterior, Winston (1989) combina o assunto das linguagens em contato com a comparação entre fonte e alvo em sua investigação acerca de uma interpretação literal (comumente conhecida como “transliteração” dentro do campo de ILS nos Estados Unidos).

Seu estudo representa um trabalho seminal, isto é, abre caminho para desdobramentos, por duas razões. A primeira é porque esse constitui o primeiro estudo a examinar as características discursivas de uma interpretação literal e, dessa forma, a identificar evidências linguísticas das linguagens em contato dentro do texto-alvo. E segunda, é porque esse estudo foi escolhido por uma associa-

ção profissional para intérpretes de LS nos Estados Unidos como um modelo padrão para os exames de certificação profissional de profissionais visando a interpretação literal (ou “transliteração”). Assim, esse estudo é bem conhecido e bem referido nos Estados Unidos no que diz respeito à interpretação literal.

Igualmente durante a década de 1980, outro trabalho de fundamental importância para o campo da ILS surge dentro do assunto de processamento cognitivo. Trata-se do estudo de Cokely (1985), que examina seis intérpretes de conferência com foco na análise temporal e linguística de suas interpretações entre a Língua Americana de Sinais (ASL) e o inglês falado. Nesse estudo, Cokely combina a investigação do processamento de elementos (baseado na análise de intervalo de tempo, por exemplo; e no impacto desse no texto-alvo) atento à mediação entre indivíduos e culturas, bem como, às duas linguagens, resultando em um modelo sociolinguístico do procedimento de interpretação.

Condições de trabalho e segurança ocupacional compuseram os outros assuntos evidentes nos estudos nos anos 1980 (Greenhaw, 1985; LaVor, 1985; Watson, 1987), refletindo 13% dos 24 estudos. Os trabalhos dessa década são todos baseados em pesquisas de campo.

Os dois tópicos restantes somam, cada um, 8% dos 24 estudos. A educação ou avaliação de intérpretes, durante esse período, inclui estudos de programas de educação do intérprete (Gustason 1985), bem como, um interesse contínuo na identificação de tipos de personalidade relacionados à preparação acadêmica ou às habilidades dos intérpretes (Doefert & Wilcox, 1986; Rudser & Strong, 1986). A questão da avaliação objetiva ou subjetiva dos intérpretes quando considerada por avaliadores é também tratada empiricamente nessa década (Strong & Rudser 1986).

2.2 Metodologias dos anos 1980

Como em todos os estudos analisados aqui, as 24 pesquisas dos anos 1980 são empíricas e baseadas em dados coletados. Como se

observa na Tabela 6 a seguir, as estratégias metodológicas seguidas nos anos 1980 são mais diversas que as da década anterior. Enquanto pesquisas quantitativas representaram 79% dos estudos, essa década testemunhou um aumento no uso de metodologias qualitativas, e ainda, a combinação das duas em 17% (metodologia “qualiquantitativa” ver Creswell, 2003). Mais adiante, um aumento pode ser visto no uso de dados baseados em pesquisas e dados naturalísticos durante os anos 1980, de 20% e 10%, respectivamente nos anos 1970, para 33% e 21% respectivamente nos anos 1980. Finalmente, o uso relativo de métodos experimentais cai significativamente nessa década, de 80% nos anos 1970 pra 33% nos anos 1980.

Tabela 6: pesquisas empíricas de ILS – metodologias dos anos 1980.

N = 24		#	%
método	quantitativo	19	79%
	qualitativo	8	33%
	qualiquantitativo	4	17%
	entrevista por questionário	8	33%
	experimental	8	33%
	naturalista	5	21%

O surgimento de estudos qualitativos durante os anos 1980 é significativo. Durante esses anos, três das pesquisas são baseadas em análise do discurso e na sociolinguística.

Winston (1989) conduz uma análise qualitativa das estratégias do discurso em um estudo de caso, usando dados naturalísticos e envolvendo uma interpretação mais literal (“transliteração”) de uma palestra em sala de aula. Em outro estudo de caso, Zimmer

(1989) analisa parte de uma entrevista somente em inglês, comparando características como pausas, preenchimentos de pausa (ou *fillers*, no original) e autocorreção, com outras típicas de entrevistas interativas não interpretadas. Roy (1989) examina as mudanças de alteração da participação em um encontro interpretado entre um professor universitário e um aluno.

Os dois primeiros estudos são relativamente pequenos em seu escopo. O estudo de Roy, porém, é bem detalhado e oferece uma perspectiva nova ao campo da interpretação, no que diz respeito ao intérprete comunitário. Ela descobriu que ao contrário do que normalmente se acredita que os intérpretes são neutros, e assim, meros canais de comunicação entre os participantes primários, esse profissional deve ter um papel ativo e participativo nas interações, caso contrário, o evento pode não prosseguir. Nesse estudo de Roy, o intérprete foi bem sucedido na interpretação da interação devido, principalmente, ao fato de ter um manejo ativo das alterações da vez de cada participante. Esse trabalho seminal é descrito como um dos estudos que mudaram o curso de um paradigma de orientação texto-alvo para um paradigma de interação com base discursiva dentro da interpretação comunitária.

2.3 Nações representadas durante os anos 1980

Das pesquisas localizadas nos anos 1980, 92% representaram estudos por e sobre intérpretes de LS nos Estados Unidos, tendo apenas um país diferente representado nessa amostragem: o Reino Unido.

Tabela 7: pesquisas empíricas sobre ILS: nações representadas nos anos 1980.

N = 24		#	%
nações	Estados Unidos da América (EUA)	22	92%
	Reino Unido (UK)	1	4%

A pesquisa representando o Reino Unido se concentrou na interpretação simultânea, usando uma metodologia experimental para analisar uma interpretação de uma fonte gravada apresentada a um público surdo (Llewellyn-Jones 1981). Por estar mais voltado à relevância do significado que da forma e menos ao processamento cognitivo, esse estudo indica refletir o paradigma da Teoria Interpretativa da Tradução.

2.4 Paradigmas representados nos anos 1980

Enquanto os estudos dos anos 1970 representaram apenas dois dos cinco paradigmas que Pöchhacker (2004) descreve, todos os cinco são representados durante os anos 1980. Duas das pesquisas durante a década de 1980 se encaixam no paradigma da teoria interpretativa de tradução, sendo que, a primeira é o estudo do Reino Unido mencionado na seção anterior. A outra, trata-se de um exame de registro gramatical em um vídeo de treinamento produzido comercialmente com duas palestras em Língua de Sinais Americana (ASL) interpretadas em inglês. Nesse estudo, Shaw (1987) analisa indicadores de registro em ambos os contextos: fonte e alvo. Embora isso seja de certa forma experimental e quantitativo, esse estudo é categorizado dentro da tradição da teoria interpretativa de tradução por conta de sua ênfase no fazer sentido e no ter um significado de transferência.

Outra pesquisa também digna de destaque nessa década é um estudo que se encaixa no paradigma neurolinguístico. Ainda que não seja experimental em termos de estrutura, a proposta desse estudo é examinar a dominância da lateralidade cerebral, através do instrumento de dominância cerebral de Herrmann (junto com outras características), baseada em uma investigação de 400 intérpretes de LS nacionalmente certificados nos Estados Unidos (Kanda, 1989).

Tabela 8: pesquisas empíricas sobre ILS: paradigmas dos anos 1980

N = 24		#	%
paradigma	teoria interpretativa da tradução	2	8%
	neurolingüística	1	4%
	processamento cognitivo	4	17%
	abordagem teórico-tradutória orientada conforme o texto-alvo	8	33%
	interação discursiva	2	8%

A tabela 8 indica que há três pequenas alterações nos percentuais dos estudos que refletem o paradigma do processamento cognitivo (17% nos anos 1980 em comparação com os 20% da década anterior). Por outro lado, o número de estudos com uma abordagem teórico-tradutória orientada conforme o texto-alvo permanece o mesmo, de forma que, a percentagem cai de mais de 75%, perfazendo menos da metade (33%) do total das pesquisas da década. O desabrochar do paradigma da interação discursiva pode ser visto nessa década a partir dos primeiros estudos que atingiram os estudos da interpretação tanto de línguas de sinais quanto de faladas nas décadas subsequentes.

2.5 Resumo dos anos 1980

Das 97 pesquisas conduzidas nas últimas quatro décadas, as dos anos 1980 descrevem o exame de nove assuntos diferentes, incluindo dois não mencionados nos estudos anteriores. Nos anos 1980, nota-se também uma expansão nas abordagens metodológicas, partindo das apenas quantitativas para as qualitativas, e ainda, para as de estratégias quali-quantitativas. Aliado a isso, há um aumento na ocorrência de pesquisas e dados naturalísticos sobre as estruturas experimentais.

A investigação atual verifica que tanto os pesquisadores do Reino Unido quanto dos Estados Unidos realizaram pesquisas empíricas, bem como, que todos os cinco paradigmas estão descritos. Além disso, vários estudos pioneiros apareceram nessa década. Cokely (1985) contribuiu com um modelo sociolinguisticamente sensível às questões dos intérpretes sobre o processamento cognitivo. Winston (1989) examinou quantitativamente a “transliteração” e identifica características da língua de contato que terminou servindo para estabelecer o padrão para o teste profissionalizante para os anos seguintes. Roy (1989) conduz um estudo fundacional de interpretação interativa que contribuiu para uma mudança de paradigma que é mais sociolinguisticamente sensível em sua abordagem baseada na interação discursiva, ao examinar a interação interpretada.

Finalmente, as pesquisas sobre ILS dos anos 1980 revelam que, enquanto o conhecimento acadêmico nesse campo é comparável ao contexto acadêmico da interpretação comunitária dentro da interpretação comunitária de línguas faladas, o momento e a sequência dos estudos, já que refletem vários paradigmas, talvez não seja paralelo àqueles de interpretação de línguas faladas.

3. Pesquisas empíricas de ILS: anos 1990

A análise das pesquisas empíricas de ILS dos anos 1990 revela mudanças ainda maiores. Um total de 27 dos 97 estudos foram realizados na década de 1990 e mostram, novamente, um grande número de assuntos. Além disso, uma mudança pode ser vista em termos de estratégias metodológicas e paradigmas, bem como, uma área geográfica um pouco maior sendo descrita, embora a maioria dos estudos identificados nessa década ainda proceda dos Estados Unidos da América (EUA).

3.1 Assuntos abordados nos anos 1990

Nove assuntos dos anos 1980 são também descritos durante os anos 1990, tendo a presença de dois adicionais: interpretação médica e legal (ou forense).

Tabela 9: pesquisas empíricas sobre ILS: assuntos abordados nos anos 1990.

N = 27		#	%
assuntos	interpretação: efetividade/caracterização	6	22%
	comparação entre fonte e alvo	7	26%
	processamento cognitivo	2	7%
	linguagens em contato: livre X literal	7	26%
	educação ou avaliação de intérpretes	4	15%
	condições de trabalho / segurança ocupacional	4	15%
	papel/código de ética	2	7%
	interpretação educacional	6	22%
	interpretação de conferência	1	6%
	interpretação médica	2	9%
	interpretação legal (forense)	1	6%

Dos 11 assuntos descritos nessa década, os mais comuns são as comparações entre fonte e alvo e as linguagens em contato, por exemplo, a interpretação livre *versus* a literal. Esses dois assuntos ganharam atenção ao longo das três décadas de pesquisas desenvolvidas. Os segundos mais populares são os da efetividade e caracte-

rização da interpretação, e a interpretação educacional. Mais uma vez, esses dois assuntos têm sido examinados desde os primeiros estudos, nos anos 1970. Em terceiro lugar, nessa década estão a educação ou avaliação de intérpretes, seguido pelas condições de trabalho e segurança ocupacional.

Enquanto os primeiros assuntos receberam alguma atenção durante todas as três décadas, os últimos outrora mencionados tiveram pouca relevância durante os anos 1980. Três estudos dos anos 1980 examinam condições de trabalho e segurança ocupacional.

Agora, nessa década seguinte, Feuerstein et al. (1997) conduziu uma pesquisa com 1.398 intérpretes de LS sobre a saúde músculo-esquelética no trabalho, incluindo informação demográfica, bem como, informações sobre o ambiente de trabalho, estilo de trabalho, cuidados médicos e sintomas. Kimmel (1996) realizou uma pesquisa para analisar a relação entre o estilo de trabalho e a percepção de controle, medo da dor, tensão muscular e outros fatores que contribuem para lesões relacionadas ao trabalho de intérpretes de LS. Entretanto, Peper e Gibney (1999) aplicam um modelo experimental para a questão da segurança ocupacional, a partir de um exame de evidências psicofisiológicas de *stress* quando inseridos no processo de interpretação. Esse estudo quantitativo oferece uma análise única desse tópico, e é o primeiro analisado a seguir, com uma estrutura de pesquisa que não é baseada em levantamento de dados.

A interpretação médica é, a seguir, o assunto mais comum dos estudos examinados dessa década de 1990. Brener (1991) combina a questão da Eficácia do intérprete com o ambiente médico, em um estudo de 53 surdos adultos que se comunicavam por sinais e 4 optometristas ouvintes usuários da língua inglesa. O estudo experimental comparou o uso de intérpretes de LS com o uso de notas escritas e outro com estratégias de comunicação não interpretadas (incluindo leitura labial, por exemplo).

Esse estudo ressalta um ponto levantado anteriormente neste artigo. Geralmente, para intérpretes de LS, pelo menos um dos

participantes primários deve ser bilíngue. Contudo, a comunicação através de um intérprete ou lápis e papel pode ser bem diferente em termos de duração da interação, de detalhes da troca de informações e de outros fatores sócio-culturais e linguísticos. Esse estudo demonstra que os intérpretes de LS afetam claramente o canal linguístico, mas não exercem impactos significativos na troca de informação ou comunicação afetiva. Futuras pesquisas em termos de distinção entre “troca de informações” e “canal linguístico” podem ser úteis.

Em termos de estrutura, no que o estudo de Brener é experimental, Metzger (1995) examina um encontro médico interpretado usando dados naturalísticos e uma metodologia profundamente quali-quantitativa. Diferente de Brener, o estudo de Metzger se concentra na estrutura participativa dentro do encontro médico, seguindo a tradição da interação discursiva estabelecida por Roy (1989) e Wadensjö (1992). Assim como Roy e Wadensjö, Metzger verifica que o intérprete não traduz simplesmente as declarações, mas também, gera contribuições para a interação, as quais, são colocadas em duas categorias: *revezamento* e *manejo de interação*. Metzger argumenta que, em contribuições como essas, faltaria ao evento uma equivalência de interação. Por exemplo, os participantes primários poderiam não saber quais partes primárias eram responsáveis por quais declarações traduzidas.

Por causa do foco na estrutura participativa, o estudo de Metzger aborda também o assunto do papel/código de ética profissional do intérprete. Esse e o processamento cognitivo são os assuntos subsequentes mais comuns em relação aos estudos desenvolvidos nos anos 1980. É válido mencionar que o processamento cognitivo representa apenas 07% dos estudos dessa década de 1990 – uma queda de 17% em relação à década anterior. Finalmente, a interpretação de conferência e a interpretação legal (forense) representam 06% dos 27 estudos da década. A pesquisa sobre a interpretação legal (forense) examina a tradução de sinais léxicos de tempo entre o inglês e a ASL em um depoimento, oferecendo evidências

de que, erros de tradução, ligados a fatores de tempo, constituíram a causa de um mau resultado.

3.2 Metodologias dos anos 1990

Como é o caso de todos os estudos aqui examinados, os 27 estudos dos anos 1990 são empíricos, baseados em pesquisas de campo. A tabela 10 abaixo mostra que as estratégias metodológicas seguidas na década de 1990 são mais diversas que na década anterior. Enquanto as pesquisas quantitativas permaneceram em torno da mesma soma de 78%, essa década testemunha um aumento em ambos os usos de metodologias qualitativas, de cerca de 30% dos estudos nos anos 1980 para mais de 50% das pesquisas dos anos 1990. Também pôde ser visto um aumento no uso de métodos quali-quantitativos, de menos de 25% dos estudos nos anos 1980 para cerca de 30% nos anos 1990. Além disso, nessa década, foi percebido um leve aumento no uso do levantamento de dados em relação aos anos 1980 (de 33% para 37%), e ainda, notou-se uma diminuição nos dados naturalísticos durante os estudos dos anos 1990, enquanto que, o uso do modelo experimental, permaneceu o mesmo (33%).

Tabela 10: pesquisas empíricas de ILS – metodologias dos anos 1990.

N = 27		#	%
método	quantitativo	21	78%
	qualitativo	15	56%
	quali-quantitativo	9	33%
	entrevista por questionário	10	37%
	experimental	9	33%
	naturalista	4	15%

3.3 Nações representadas durante os anos 1990

Dos estudos localizados a partir dos anos 1990, 93% representam pesquisas por e sobre intérpretes de LS nos Estados Unidos (EUA), o que é consistente com a porcentagem representativa dos EUA na década anterior. Dois estudos de outros países são representados nessa amostra de pesquisas: Áustria (Grbic, 1994) e Reino Unido (Kyle & Allsop, 1997).

Tabela 11: pesquisas empíricas sobre ILS: nações representadas nos anos 1990.

N = 27		#	%
nações	Áustria	1	4%
	Estados Unidos da América (EUA)	25	93%
	Reino Unido (UK)	1	4%

O estudo do Reino Unido consiste em um levantamento de dados de instituições na Suécia, Irlanda, Dinamarca e no Reino Unido, bem como, na França, Itália, Espanha, Portugal e Áustria; tendo sido o primeiro grupo mais inclinado a utilizar intérpretes de LS que o segundo. Esse estudo foi encomendado pela União Européia de Surdos para examinar o uso da língua de sinais e dos intérpretes de LS na Europa. Grbic relata um estudo de intérpretes de LS na Áustria, em que discute informações reunidas em nível de modelo de currículo de formação profissional.

3.4 Paradigmas representados nos anos 1990

No que os estudos realizados durante os anos 1980 representavam todos os cinco paradigmas, as pesquisas conduzidas durante os anos 1990 representaram apenas três deles: o de processamento cognitivo, o da abordagem teórico-tradutória orientada conforme o texto-alvo e o da interação discursiva.

Os dois primeiros se mostraram consistentes desde os primeiros estudos nos anos 1970 e são complementados agora com a adição de um terceiro paradigma que surgiu nos anos 1980, que é a tradição acadêmica da interação discursiva.

O motivo pelo qual nenhum dos estudos sobre os anos 1990 descrever a *teoria interpretativa da tradução* pode estar relacionado ao fato de que essa se concentra, primeiramente, na interpretação de conferência, o que, como já foi visto, representa apenas uma porcentagem relativamente pequena dos assuntos analisados (06%).

Dos três paradigmas que estão descritos nos anos 1990, há algumas mudanças na ocorrência de cada paradigma em contraste com a década anterior. O processamento cognitivo diminuiu de 17% para 11%; a tradição da abordagem teórico-tradutória orientada conforme o texto-alvo aumentou de 33% para 41%, e a interação discursiva aumentou de 08% para 15%.

Assim, os estudos conduzidos nos anos 1990 refletem mudanças gerais, partindo do processamento de informação para um foco mais discursivo e mais direcionado a assuntos sociais relacionados à interpretação comunitária.

Tabela 12: pesquisas empíricas sobre ILS: paradigmas dos anos 1990

N = 27		#	%
paradigma	teoria interpretativa da tradução	-	-
	neurolingüística	-	-
	processamento cognitivo	3	11%
	abordagem teórico-tradutória orientada conforme o texto-alvo	11	41%
	interação discursiva	5	19%

Na década de 1990, 11 estudos lidaram com aspectos que não estavam diretamente cobertos pelos cinco paradigmas. Duas pesquisas (07%) discutiam avaliação, 06 trataram de características dos intérpretes (22%), e 03 estudos se referiram à segurança ocupacional (11%).

Por exemplo, Simon (1994) conduz uma análise etnográfica de programas de treinamento de intérpretes. Já o estudo de Grbic (1994), concentra-se em intérpretes austríacos, e outros, como os de Burch (1999) são intensamente demográficos em seu modelo de levantamento de dados e pesquisa de campo. Os estudos realizados por Feuerstein et al (1997) e Kimmel (1996) tratam de assuntos de segurança ocupacional.

3.5 Resumo dos anos 1990

Os estudos realizados nos anos 1990 descrevem 11 tópicos diferentes, refletindo um aumento no uso de métodos de pesquisa como o qualitativo e o qualiquantitativo. Mais adiante, a diversidade de tópicos continua a se expandir, com mais interesse em uma área específica da interpretação comunitária. Nas décadas anteriores, a interpretação era estudada com dados experimentais, geralmente, usando como fonte, fitas pré-gravadas. Já nos anos 1990, surge um aumento nos dados naturalísticos, permitindo aos pesquisadores da interpretação delimitarem o escopo de seus estudos de “*interpretação*” para “*interpretação legal (forense)*” ou “*interpretação médica*”.

Como nos anos 1980, pode-se ver um leve aumento no que diz respeito ao número de países descritos. Entretanto, há uma diminuição dos estudos que descrevem tradições acadêmicas diferentes, e ainda, uma mudança no foco, partindo de uma ênfase na interpretação e no processamento de informação sob uma perspectiva cognitiva ou psicolinguística, para um foco na interpretação como um evento social, com um aumento nos estudos descritivos da abordagem teórico-tradutória orientada conforme o texto-alvo e das tradições da interação discursiva.

Durante a década de 1990, existem alguns estudos dignos de especial atenção. Por exemplo, Davis (1990a, 1990b) continua o exame das linguagens de contato entre a interpretação ASL – Inglês falado. A pesquisa de Metzger (1995) segue Roy (1989) na tradição da interação discursiva, analisando a interação interpretada segundo uma perspectiva sociolinguística. Siple (1995) segue Winston (1989), selecionando uma das cinco características identificadas no estudo desse último sobre a interpretação literal e examina essa característica detalhadamente, a partir de uma metodologia quantitativa. Finalmente, Ressler (1999) conduz um estudo de equipes de interpretação que é bastante singular. Primeiro porque, os estudos de equipes de interpretação estavam ultrapassados, uma vez que se transcorreram há muito tempo, e os primeiros estudos dos anos 1970 já incluíam a discussão da necessidade de um tempo limitado para que os intérpretes evitassem comprometer a qualidade do trabalho devido à fadiga (Babbini, 1976). E, em segundo lugar, porque, enquanto os intérpretes de LS, como qualquer intérprete, devem ser bilíngues (ou políglotas), os bilíngues, que são fluentes em LS, podem ser surdos ou ouvintes. O estudo de Ressler analisa uma equipe de interpretação em que um dos intérpretes é surdo e o outro, ouvinte.

4. Pesquisas empíricas de ILS: anos 2000–2005

As 37 pesquisas empíricas de ILS desenvolvidas entre o curto espaço de tempo de 2000 a 2005 são mesmo reveladoras de mais mudanças e de um leve aumento do número de assuntos em relação às décadas precedentes. Além disso, pode-se observar mais uma vez, alterações em nível de estratégias metodológicas e paradigmas, bem como, um sensível crescimento do número de nações representadas.

4.1 Assuntos abordados de 2000 a 2005

Nesse período, aparece um novo assunto, elevando para 12 o número de 11 assuntos abordados nos anos 1990. Esse novo assunto – interpretação eclesiástica (ou religiosa) – introduz um estudo qualitativo e naturalista de questões e respostas de pares adjacentes em um sermão enunciado em ASL (Richey, 2003).

Tabela 13: pesquisas empíricas sobre ILS: assuntos abordados nos anos 2000.

N = 37		#	%
assuntos	interpretação: efetividade/caracterização	11	30%
	comparação entre fonte e alvo	9	24%
	processamento cognitivo	3	8%
	linguagens em contato: livre X literal	9	24%
	educação ou avaliação de Intérpretes	4	11%
	condições de trabalho / segurança ocupacional	1	3%
	papel/código de ética	8	22%
	interpretação educacional	8	22%
	interpretação de conferência	3	8%
	interpretação médica	2	5%
	interpretação legal (forense)	3	8%
	interpretação eclesiástica (religiosa)	1	3%

A lista expandida de assuntos abordados entre 2000 e 2005 é, sob vários aspectos, bastante similar a dos anos 1990. A porcentagem

de pesquisas nas áreas de comparação entre fonte e alvo, processamento cognitivo, linguagens em contato: “livre” *versus* “literal”, educação ou avaliação de intérpretes, interpretação educacional, interpretação de conferência, interpretação médica e interpretação legal (ou forense) permaneceu praticamente do mesmo modo (com variações de menos de 05% para mais ou para menos). No entanto, a efetividade/caracterização da interpretação passou de menos de 25% das pesquisas na década de 1990, para cerca de 30% durante os primeiros cinco anos dos anos 2000. O assunto das condições de trabalho e segurança ocupacional caiu dos 15% dos anos 1990, para apenas 03% no período em curso e o tópico do papel e código de ética do intérprete cresceu dos 07% dos anos 1990 para 22% dos estudos nesse período. De forma notável, uma das pesquisas sobre a efetividade/caracterização da interpretação se destina à análise da satisfação do consumidor em relação ao uso, relativamente novo e crescente na preferência popular, da ferramenta de vídeo-conferência para conectar intérpretes de LS a eventos à distância (veja Steinberg, 2003). Uma área que também passível de investigação é o uso de serviços de retransmissão de vídeo que proporcionam interpretação de língua de sinais para usuários surdos e ouvintes de ligações telefônicas via tecnologia de videofones.

Das pesquisas relacionadas ao processamento cognitivo, vale mencionar dois estudos, os quais, podem ser considerados de impacto precursor, tanto para a pesquisa quanto para a prática de interpretação. Um desses é de origem canadense e investiga sobre a interpretação legal (forense), avaliando o papel das modalidades simultânea e consecutiva de interpretação em contextos legais, para indicar que essas precisam ser cuidadosamente selecionadas e aplicadas dentro do processo legal (Russel, 2000). O segundo desses estudos (Napier 2002a) se trata de uma pesquisa sobre as omissões nos textos-alvo interpretados a partir de um conteúdo-fonte de nível universitário, que são tipicamente analisadas como sendo um tipo de erro associado ao processamento cognitivo (por exemplo, atraso de tempo insuficiente – ou *insufficient lag time*) e funda-

mentado numa perspectiva interacional-discursiva dentro da qual essas omissões são categorizadas com base em como o intérprete está fora delas, e em o quão intencionais elas são. Como resultado, Napier encontrou que os intérpretes fazem omissões intencionais estrategicamente planejadas para dar suporte à qualidade de seus textos-alvo interpretados, incluindo-se ainda, outros tipos de omissão (até aquelas que os intérpretes nem se dão conta que estão cometendo). Esses dois estudos têm implicações significativas em relação à prática de interpretação, à educação de intérpretes, além de levantarem questões para futuras pesquisas.

4.2 Metodologias desenvolvidas entre 2000 e 2005

As abordagens metodológicas desenvolvidas entre as pesquisas de 2000 a 2005 são similares às dos anos 1990. Em termos de métodos quantitativos, qualitativos e quali quantitativos, como também, da porcentagem dos estudos baseados em pesquisas empíricas de campo ou em dados naturalistas, as mudanças são pequenas (menos de 05%). No entanto, a porcentagem de estudos experimentais despencou de cerca de 30% para menos de 25% das pesquisas desenvolvidas entre 2000 e 2005.

Tabela 14: pesquisas empíricas de ILS – metodologias entre os anos 2000 e 2005.

N = 37		#	%
método	quantitativo	28	76%
	qualitativo	22	60%
	quali quantitativo	13	35%
	entrevista por questionário	14	38%
	experimental	7	19%
	naturalista	7	19%

4.3 Nações representadas entre os anos 2000 e 2005

O maior aumento do número de nações representadas acontece nesse período. Sete nações diferentes estão representadas (sendo que, um dos estudos, na verdade, concentra-se em uma análise mais internacional).

Tabela 15: pesquisas empíricas de ILS – nações representadas entre os anos 2000 e 2005.

N = 27		#	%
nações	Áustria	5	14%
	Bélgica	1	3%
	Canadá	2	5%
	Estados Unidos da América (EUA)	24	65%
	Internacional	1	3%
	Reino Unido (UK)	3	8%
	Suécia	1	3%

A nação que foi representada com mais frequência nesse período nos EUA (65%), com a Austrália vindo em segundo lugar (14%). Apenas cerca de 25% das pesquisas foram espalhadas pelas nações remanescentes, a saber: Reino Unido (08%), Canadá (05%), e Bélgica, Suécia e o estudo internacional (todos perfazendo 03%). O estudo internacional é uma pesquisa mista de 12 nações, que compara os códigos de ética de intérpretes de língua de sinais de cada uma (Rodriguez & Guerrero, 2002). Tate & Turner (2001) também abordam a questão do papel do intérprete e da ética da interpretação em uma pesquisa conduzida no Reino Unido. Estudos internacionais abrangem uma variedade de assuntos tais como a interpretação legal (forense) em uma pesquisa canadense e outra do Reino Unido (Russell, 2000; Turner & Taylor, 2001). Pesquisas

qualitativas, enquanto foram menos comuns nas décadas anteriores analisadas nos EUA, puderam ser vistas, agora, em outras nações. Harrington (2005), por exemplo, traz uma discussão em torno de uma análise qualitativa do trabalho de intérpretes de língua de sinais em contextos educacionais de ensino médio no Reino Unido.

4.4 Paradigmas representados entre os anos 2000 e 2005

Assim como nos anos 1990, os paradigmas representados pelas pesquisas desenvolvidas entre os anos 2000 e 2005 representam apenas três tradições: processamento cognitivo, abordagem teórico-tradutória orientada conforme o texto-alvo e interação discursiva. Ambas vertentes do processamento cognitivo e da interação discursiva tiveram um aumento de porcentagem coerente com a década anterior (em torno de 05%). No entanto, a abordagem teórico-tradutória orientada conforme o texto-alvo, aumentou de 41 para 51%.

Tabela 16: pesquisas empíricas sobre ILS: paradigmas representados entre 2000 e 2005.

N = 37		#	%
paradigma	teoria interpretativa da tradução	-	-
	neurolinguística	-	-
	processamento cognitivo	5	14%
	abordagem teórico-tradutória orientada conforme o texto-alvo	19	51%
	interação discursiva	6	16%

Com o aumento do paradigma da abordagem teórico-tradutória orientada conforme o texto-alvo com o passar do tempo, é possível refletir bem a análise subjetiva do autor sobre como avaliar esses

estudos quanto à análise paradigmática de Pöchhacker. Ao mesmo tempo, esses estudos, ao longo desses quatro períodos, refletem, claramente, a forte ênfase dentro dos estudos da ILS nas comparações entre textos fonte-alvo, e interpretações “livres” *versus* “literais” (sendo essas interpretações comparadas com as então chamadas de “transliterações” como resultado da intensa língua de contato entre as comunidades surdas e ouvintes).

4.5 Resumo dos anos 2000 – 2005

As pesquisas desenvolvidas entre 2000 e 2005 representam 12 assuntos diferentes e todas as abordagens metodológicas. Talvez, a mudança mais notória nesse período seja o aumento do número de pesquisas oriundas de várias nações, representando sete países diferentes (sendo uma dessas pesquisas, na verdade, um estudo internacional sobre 12 nações), em apenas metade de uma década. Por outro lado, as mudanças entre os anos 1990 e o período entre 2000 e 2005 transparecem ser mais estáveis que as mudanças ocorridas nos períodos anteriores, com mais consistência em termos de assuntos, métodos de pesquisa e tradições de pesquisa. Durante esse período, um número considerável de estudos também seguiu a mesma tendência dos trabalhos seminais anteriores. Por exemplo, Cerney (2005) investiga as equipes de intérpretes surdos e ouvintes segundo métodos de pesquisa qualiquantitativos de dados naturalistas coletados a partir de uma interpretação de conferência, assunto esse, que apareceu primeiramente nos anos 1980 em uma pesquisa experimental sobre equipes de intérpretes surdos e ouvintes (Ressler, 1999).

Esse assunto é digno de nota quando comparado com a interpretação de línguas faladas por causa da informação linguística contextualizadora do intérprete. Para os intérpretes que são surdos, sua primeira língua é geralmente uma língua de sinais, ao passo que, isso nem sempre é o caso dos intérpretes ouvintes. A avaliação de equipes de surdos e ouvintes relacionadas diz respeito a questões de intérpretes de línguas faladas sobre a interpre-

tação dentro e fora de sua língua A, um assunto um tanto quanto único dentro da prática de ILS⁶. Semelhantemente, Collins (2004) investiga linguagens em contato e variação, assim como a relação dessas com a interpretação entre consumidores surdos videntes e surdocegos, concentrando-se na análise de informações gramaticais não-manuais (faciais) e em como essas são transmitidas manualmente a partir da modalidade tátil da ASL. Essa é outra área em que é comum de se ver intérpretes surdos de LS trabalhando. Além disso, nesse período, há outro estudo voltado a questões de qualidade em equipes (ouvinte-ouvinte) de interpretação (Cokely e Hawkins, 2003).

Em meio a esses cinco anos considerados, Davis (2003) dá continuidade à sua investigação sobre linguagens em contato dentro da atividade de ILS. O estudo de caso pioneiro de Winston (1989) sobre os aspectos da interpretação literal é realizado novamente a partir de uma análise da interpretação da LS Sueca (Dethow, 2000). Nesse intervalo de tempo ainda, existe um aumento da quantidade de análises da percepção de consumidores (Forestal, 2005; King, 2001; Steinberg, 2003) da ILS. Vários estudos se seguem ao trabalho desenvolvido por Roy (1999) e Metzger (1995), incluindo a pesquisa de Metzger, Fleetwood & Collins (2004) sobre o gênero do discurso e a modalidade linguística, bem como, sobre as contribuições ao discurso feitas por intérpretes dentro de contextos de entrevistas médicas, educacionais (em sala de aula) e informacionais. O estudo de Sanheim (2003) de trocas de mudanças de vez dentro de uma entrevista médica. Sofinski et al (2001) e Sofinski (2003) conduziram pesquisas sobre aspectos de interpretações literais, seguindo as mesmas tendências investigativas já trilhadas por Winston (1989) e pelo estudo de Winston & Monikowski (2003) sobre interpretações livres e literais, como também, seguindo o estudo seminal de Winston (1989). Então, o intervalo de cinco anos de 2000 a 2005 dispõe de uma profunda riqueza acadêmica na área de ILS construída a partir de pesquisas conduzidas nas décadas anteriores.

5. Conclusão

Esse artigo demonstrou a análise de pesquisas de campo sobre ILS, dando destaque aos trabalhos fundacionais dentro do campo e contextualizando isso dentro da estrutura acadêmica maior da interpretação. Entretanto, na melhor das hipóteses, foi uma tarefa difícil e restrita por conta das fontes de dados (uma bibliografia internacional e um periódico profissional) e pela disponibilidade. Por essa razão, esse artigo ofereceu nada mais que uma amostra do que foi reunido até então, com pesquisas comparadas ao longo dos tempos (por década) e agrupadas com base em seus *assuntos, métodos de pesquisa, nação e paradigma de investigação*.

As primeiras pesquisas sobre ILS se concentraram no assunto da efetividade e caracterização da interpretação, com as comparações fonte-alvo sendo o segundo assunto mais popular. De maneira interessante, esses dois assuntos, de forma constante, permaneceram como sendo os mais estudados ao longo das quatro décadas analisadas. Enquanto outros assuntos podem ter sido influenciados pelo par ou modo linguístico, pela nação de origem, etc., os resultados desse trabalho sugerem que, com o passar do tempo, a qualidade da performance de trabalho e as qualidades que permitem que esse trabalho aconteça, são elementos extremamente importantes dentro do campo da ILS.

Essas primeiras pesquisas sobre ILS demonstram uma preferência clara pela metodologia quantitativa. No decorrer das décadas investigadas, essa preferência não desapareceu. Ao mesmo tempo, um aumento evidente no uso de métodos qualitativos e quali quantitativos também pôde ser visto.

Embora o montante das pesquisas analisadas venha da bibliografia internacional de LS – que está hospedada na Europa, à Universidade de Hamburgo – ele ainda representa os EUA, quer seja na localização geográfica ou no *corpus* dos dados. Ao se fundamentar nos estudos empíricos analisados aqui, fica evidente que as pesquisas dos EUA dominaram o campo, com uma pequena mudança rumo à diversidade.

Das tradições acadêmicas aqui representadas, algumas destacaram a *teoria interpretativa da tradução*. No entanto, assim como acontece na interpretação de línguas faladas, a tradição do processamento cognitivo está presente ao longo desse período das pesquisas sobre ILS e esses estudos transparecem dar suporte aos achados de pesquisas similares dentro da área de interpretação de línguas faladas.

As pesquisas neurolinguísticas de ILS são extremamente raras, com apenas uma entre as 97 investigadas. Por outro lado, a porcentagem de estudos baseados na abordagem teórico-tradutória orientada conforme o texto-alvo é bastante expressiva. Esse é o paradigma mais representado pelas pesquisas aqui analisadas. É bem possível que essa ocorrência expressiva esteja relacionada, pelo menos em parte, ao grande número de pesquisas na área de interpretação comunitária (maior, isto é, que o número de pesquisas na área de interpretação de conferência)⁷. Por fim, a interação discursiva constitui o paradigma mais novo e em pleno crescimento quanto ao uso aplicado, particularmente, por estar associado a duas pesquisas fundamentalmente importantes, uma das quais sendo do campo da ILS (Roy, 1989).

Ainda no início desse artigo, percebeu-se que Roberts (1987) sugere tanto similaridades quanto diferenças entre a interpretação de LS e a de línguas faladas. Roberts defende, por exemplo, que os intérpretes de línguas faladas tendem a serem associados com a interpretação de conferência, enquanto que, os intérpretes de LS trabalham mais frequentemente em contextos comunitários. Porém, esse artigo (e, de fato, os artigos presentes nesse periódico) propõe que essa distinção provavelmente não vem ao caso. Ou seja, os intérpretes de línguas faladas hoje trabalham frequentemente em vários contextos comunitários e, ao contrário, os intérpretes de LS tem trabalhado normalmente em conferências. Roberts também sugere que a diferença entre a interpretação falada e de LS é resultado da diferença de modalidade delas. Essa diferença, combinada com o fato de que os intérpretes de LS, normalmente, trabalham com

pelo menos um participante primário que é bilíngue quanto a ambas as línguas na interação, transparece contribuir para uma forte ênfase nas 97 pesquisas aqui analisadas que versam sobre as linguagens em contato e a interpretação literal *versus* livre.

Essa questão sociolinguística também está relacionada com toda a história de propósitos e políticas linguísticas que tem influência sobre a vida das pessoas surdas ao redor do mundo e, por conta disso, sobre o trabalho dos intérpretes de LS. Provavelmente, esse tema sociolinguístico também considera qualquer distinção que talvez tenha existido em termos de prestígio entre o trabalho de intérpretes com línguas faladas ou sinalizadas. Além do mais, em uma análise mais de perto de comunidades linguísticas específicas e de pares linguísticos específicos, é mais provável que o assunto do prestígio entre os intérpretes varia mais conforme a comunidade linguística que conforme a modalidade. As 97 pesquisas investigadas nesse artigo sugerem que a modalidade, de longe, faz menos diferença que qualquer outra que se possa esperar, quando se chega a assuntos como o processamento cognitivo e a mediação sócio-cultural.

Com a análise desses 97 estudos, dois pontos ficaram claros. Primeiro, a comparação e a análise da interpretação segundo várias perspectivas são bem relevantes, ainda que seja indiferente se o desdobramento é diacrônico, baseado em assuntos, metodologicamente orientados ou na tradição acadêmica. Em segundo lugar, existe um fio condutor ligando todos os intérpretes, quer as diferenças entre eles sejam em nível de modalidade, línguas, nações, contextos de trabalho, quer em termos de paradigmas. As atividades cognitivas, sociais, culturais e linguísticas com as quais nos comprometemos terminam nos unindo enquanto intérpretes, quer estejamos trabalhando em contextos de conferência ou comunitários, quer com línguas faladas ou sinalizadas.

Notas

1. Esse artigo é parte de um estudo em desenvolvimento na forma de pesquisa empírica sobre ILS que está sendo conduzido dentro do departamento de interpretação da Universidade Gallaudet. Agradecimentos especiais são feitos aqui a todas as pessoas que fizeram o levantamento e agrupamento dos estudos que incorporaram os dados desse projeto: Earl Fleetwood, Cynthia Roy, Emily Gilbert, Jeanelle Faith, Cindy Wood, Jane Rutherford. Além disso, agradece-se a Dawson Metzger-Fleetwood pelo seu trabalho como pesquisador assistente e a Eric e Jill pela contribuição com as várias horas necessárias para codificar os dados (estudos).

2. Alguns estudos representaram um assunto específico. Por outro lado, outras pesquisas evidentemente incorporaram mais de um assunto. Por exemplo, alguns estudos dirigem-se tanto à efetividade/caracterização do ato de interpretar quanto ao contexto educacional. Todos os assuntos mencionados estão contabilizados e, por isso, 100% dos estudos refletem um assunto (efetividade da interpretação) e podem ainda refletir outros.

3. A sondagem da metodologia incorpora tanto o formato da pesquisa (quantitativa, qualitativa ou mista) quanto outros aspectos do estudo que se tornaram evidentes durante a codificação das características das pesquisas investigadas. Os elementos metodológicos que se tornaram mais evidentes foram: se o estudo era ou não experimental, se era de entrevistas por questionário, ou se era ou não um estudo com uso de dados naturalistas.

4. A maioria das pesquisas investigadas aqui não indicam a tradição de pesquisa ou paradigma que refletem. Por essa razão, a autora fez essa determinação com base na descrição de cada paradigma de Pöchhacker, em termos da estrutura por trás dele, das abordagens metodológicas empregadas dentro dele, dos tipos de dados e interpretação mencionados nele e assim por diante.

5. Esse artigo se concentra apenas em estudos empíricos e experimentais. A natureza refletiva desse paradigma pode ou não ir ao encontro desse fato. Apenas artigos evidentemente experimentais foram examinados aqui. Aqueles estudos experimentais que vão ao encontro da descrição desse paradigma estão devidamente categorizados.

6. Enquanto intérpretes ouvintes raramente podem ser fluentes nativos em uma língua de sinais, os intérpretes surdos para os quais a língua de sinais é a língua A não têm acesso suficiente a textos-fonte de modalidade oral. Dessa forma, a questão do trabalho dentro e fora da língua A é única para o caso de intérpretes de línguas sinalizadas. Para discutir algumas das técnicas utilizadas por equipes de surdos e ouvintes para permitir que intérpretes surdos trabalhem em sua língua A, veja Ressler (1999) e Cerney (2005).

7. Pöchhacker (2004) descreve a abordagem orientada conforme o texto-alvo como sendo a mais inclusiva do contexto da interpretação comunitária. Mais inclusiva ainda que aquelas que enfocam, primária ou individualmente, a interpretação de conferência.

Bibliografia

BABBINI, B. (1976). "The effects of fatigue on the competence of interpreters for the deaf". H. Murphy (ed.). *Selected Readings in the Integration of Deaf Students at CSUN*. Northridge, CA: California State University, 19-22.

BRASEL, B., D. MONTANELLI & S. QUIGLEY (1974). "The component skills of interpreting as viewed by interpreters". *Journal of Rehabilitation of the Deaf* 7(3), 20-32.

BRENER, T. (1991). *The relationship between the use of sign language interpreters and effectiveness of communication in a medical encounter*. PhD Thesis, Temple University.

BURCH, D. (1999). *Essential competencies, responsibilities, and education of sign language interpreters in pre-college educational settings*. Phd thesis, Southern University and A & M College.

CERNEY, B. (2005). Relayed interpretation from English to American Sign Language via a hearing and a deaf interpreter. Phd thesis, The Union Institute and University.

COKELY, D. (1985). Towards a sociolinguistic model of the interpreting process. Phd thesis, Georgetown University.

COKELY, D. & J. Hawkins. (2003). "Interpreting in teams: A pilot study on requesting and offering support". *Journal of Interpretation*, 49-93.

COLLINS, S. (2004). Adverbial morphemes in tactile ASL (TASL). Phd thesis, The Union Institute and University.

CRESWELL, J. (2003). *Research design: Qualitative, quantitative, and mixed methods approaches*. Thousand Oaks: Sage.

DAVIS, J. (1990a). Interpreting in a language contact situation: The case of English-to-ASL interpretation. Phd dissertation, University of New Mexico.

DAVIS, J. (1990b). "Linguistic transference and interference: Interpreting between English and ASL". C. Lucas (ed). *Sign Language Research: Theoretical Issues*. Washington, DC: Gallaudet University Press, 308-324.

DAVIS, J. (2003). "Cross-linguistic strategies used by interpreters". *Journal of Interpretation*, 95-128.

DETHROW, A. (2000). "Transliteration between spoken Swedish and Swedish signs". M. Metzger (ed.). *Bilingualism and Identity in Deaf Communities*. Washington, DC: Gallaudet University Press, 79-92.

DOEFERT, K. & S. WILCOX. (1986). "Meeting students affective needs: Personality types and learning preferences". *Journal of Interpretation* 3, 35-45.

FABBRO, F. & L. GRAN. (1994). "Neurological and neuropsychological aspects of polyglossia and simultaneous interpretation.". S. Lambert & B. Moser-

Mercer (eds). *Bridging the Gap: Empirical Research in Simultaneous Interpretation*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 273-317.

FABBRO, F., L. GRAN, G. BASSO & A. BAVA. (1990). "Cerebral lateralization in simultaneous interpretation". *Brain and Language* 39, 69-89.

FEUERSTEIN, M., A. Carosella, L. Burrell, L. Marshall, and J. DeCaro (1997). "Occupational upper extremity symptoms in sign language interpreters: Prevalence and correlates of pain, function, and work disability". *Journal of Occupational Rehabilitation* 7(4), 187-205.

FINNEGAN, M. (1986). *Interpreter effectiveness in sign-to-voice interpreting for deaf children*. Phd dissertation, Temple University.

FLEISCHER, L. (1975). *Sign language interpretation under four interpreting conditions*. Phd dissertation, Brigham Young University.

FLEISCHER, L. & M. Cottrell. (1976). "Sign language interpretation under four interpreting conditions". H. Murphy (ed.). *Selected Readings in the Integration of Deaf Students at CSUN*. Northridge, CA: California State University, 23-26.

FORESTAL, L. (2005). "Attitudes of Deaf leaders toward signed language interpreters and interpreting". M. Metzger and E. Fleetwood (eds). *Attitudes, Innuendo, and Regulators: Challenges of Interpretation*, vol. 2. Washington, DC: Gallaudet University Press, 71-91.

GERVER, D. (1976). "Empirical studies of simultaneous interpretation: A review and a model". R.W. Brislin (ed). *Translation: Applications and Research*. New York: Gardner Press, 165-207.

GILE, D. (1990). "Scientific theories vs. personal theories in the investigation of interpretation". L. Gran & C. Taylor (eds). *Aspects of Applied and Experimental Research on Conference Interpretation*. Udine: Campanotto, 28-41.

GILE, D. (1995). *Basic concepts and models for interpreter and translator training*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.

GISH, S. (1986). "‘I understood all the words but I missed the point’: A Goal-to-detail/detail-to-goal strategy for text analysis”.

GRBIC, N. (1994). *Das Gebärdensprachdolmetschen als Gegenstand einer angewandten Sprachund Translationswissenschaft unter besonderer Berücksichtigung der Situation in Österreich*. Phd dissertation, University of Graz.

GREENHAW, D. (1985). "Post-secondary education survey of interpreter services: A statistical study". *Journal of Interpretation* 2, 40-57.

GUSTASON, G. (1985). "Interpreters entering public school employment". *American Annals of the Deaf*. 130 (4): 265-266.

HARRINGTON, F. (2005). A study of the complex nature of interpreting with Deaf students in higher education. M. Metzger & E. Fleetwood (eds). *Attitudes, Innuendo, and Regulators: Challenges of Interpretation*, vol. 2. Washington, DC: Gallaudet University Press, 162-187.

KANDA, J. (1989). *Characteristics of certified sign language interpreters including patterns of brain dominance*. Phd dissertation, Brigham Young University.

KIMMEL, D. (1996). *The relationships between perception of control, anticipatory anxiety, fear of pain from work injury, muscle tension and pain during work, and the outcomes of work-related diagnosis, dysfunction in daily activities, and work loss in interpreters for the deaf*. Phd dissertation, The Union Institute and University.

KING, S. (2001). *Administrative and consumer perceptions of interpreting services at postsecondary programs for deaf students*. Phd dissertation, Gallaudet University.

KIRCHOFF, H. (1976/2000). "Simultaneous interpreting: Interdependence of variables in the interpreting process, interpreting models, and interpreting strategies". F. Pöchhacker & M. Shlesinger (eds). *The Interpreting Studies Reader*. 111-119.

KYLE, J. & L. ALLSOP. (1997). *Sign in Europe: A study of Deaf people and sign language in the European Union*. Bristol: Centre for Deaf Studies, University of Bristol.

LAVOR, M. (1985). "Interpreters: The economic impact". *Journal of Interpretation* 2, 27-39. Lederer, M. (1981). *La traduction simultanée - Expérience et théorie*. Paris: Minard Lettres Modernes.

LLEWELLYN-JONES, P. (1981). "Simultaneous interpreting". B. Woll & J. Kyle (eds). *Perspectives on British Sign Language and Deafness*. London: Croom Helm Ltd, 89-103.

METZGER, M. (1995). *The paradox of neutrality: A comparison of interpreters' goals with the realities of interactive discourse*. Phd dissertation, Georgetown University.

METZGER, M. (1999) *Sign language interpreting: Deconstructing the myth of neutrality*. Washington, DC: Gallaudet University Press.

METZGER, M., E. FLEETWOOD & S. COLLINS. (2004). "Discourse genre and linguistic mode: Interpreter influences in visual and tactile interaction". *Sign Language Studies*. 4(2), 118-137.

MOSER-MERCER, B. (1994). "Paradigms gained or the art of productive disagreement". S. Lambert & B. Moser-Mercer (eds). *Bridging the Gap: Empirical Research in Simultaneous Interpretation*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 17-23.

MURPHY, H. & L. Fleischer. (1976). "The effects of Ameslan vs Siglish upon test scores". H. Murphy (ed.). *Selected Readings in the Integration of Deaf Students at CSUN*. Northridge, CA: California State University, 27-28.

NAPIER, J. (2002a). *Sign language interpreting: Linguistic coping strategies*. Coleford, England: Douglas McLean.

NAPIER, J. (2002b). "University interpreting: Linguistic issues for consideration". *Journal of Deaf Studies and Deaf Education* 7(4), 281-301.

NAPIER, J. (2003). "A sociolinguistic analysis of the occurrence and types of omissions produced by Australian Sign Language-English interpreters". M. Metzger, S. Collins, V. Dively, & R. Shaw (eds). *From Topic Boundaries to Omission: New Research on Interpretation, Studies in Interpretation*, vol. 1. Washington, DC: Gallaudet University Press, 99-153.

NIDA, E. (1964). *Toward a science of translating with special reference to principles and procedures involved in Bible translating*. Leiden: E. J. Brill. Norwood, M. (1976). *Comparison of an interpreted and captioned newscast among deaf high school graduates and deaf college graduates*. Phd dissertation, University of Maryland.

PEPER, E. & K. GIBNEY. (1999). "Psychological basis for discomfort during sign language interpreting". *Journal of Interpretation* 11-18.

PÖCHHACKER, F. (1994). *Simultandolmetschen als komplexes Handeln*. Tübingen: Gunter Narr.

PÖCHHACKER, F. (2004). *Introducing Interpreting Studies*. London/New York: Routledge. Ressler, C. (1999). "Direct interpretation and an intermediary interpretation". *Journal of Interpretation*, 71-102.

RICHEY, M. (2003). "Analysis of interactive discourse in an interpreted Deaf revival service: Question-Answer adjacency pairs initiated in an ASL sermon". M. Metzger, S. Collins, V. Dively & R. Shaw (eds). *From Topic Boundaries to Omission: New Research on Interpretation, Studies in Interpretation*, vol. 1. Washington, DC: Gallaudet University Press, 55-96.

ROBERTS, R. (1987). "Spoken language interpreting vs. sign language interpreting". *Proceedings of the 28th Annual Conference of the American Translator's Association*, 293-306.

RODRIGUEZ, E. & A. GUERRERO. (2002). "An international perspective: What are ethics for sign language interpreters? A comparative study among different codes of ethics". *Journal of Interpretation*, 49-61.

ROY, C. (1989). *A sociolinguistic analysis of the interpreter's role in the turn exchanges of an interpreted event*. Phd dissertation, Georgetown University.

ROY, C. (2000). *Interpreting as a discourse process*. Oxford: Oxford University Press.

RUDSER, S. (1986). "Linguistic analysis of changes in interpreting: 1973-1985". *Sign Language Studies* 15(53), 332-340.

RUDSER, S. & M. Strong. (1986). "An examination of some personal characteristics and abilities of sign language interpreters". *Sign Language Studies* 15(53), 315-331.

RUSSELL, D. (2000). *Interpreting in legal contexts: Consecutive and simultaneous interpretation*. Phd dissertation, University of Calgary.

SANHEIM, L. (2003). "Turn exchange in an interpreted medical encounter". M. Metzger, S. Collins, V. Dively & R. Shaw (eds). *From Topic Boundaries to Omission: New Research on Interpretation, Studies in Interpretation*, vol. 1. Washington, DC: Gallaudet University Press. 27-54.

SCHEIN, J. (1974). "Personality characteristics associated with interpreter proficiency". *Journal of Rehabilitation of the Deaf* 7(3), 33-43.

SELESKOVITCH, D. (1975/2002). "Language and memory: A study of note taking in consecutive interpreting". F. Pöchhacker & M. Shlesinger (eds). *The Interpreting Studies Reader*. London/New York: Routledge. 121-129.

SELESKOVITCH, D. (1992). "In the beginning". *Journal of Interpretation*. 5(1), 1-4. Shaw, R. (1987). "Determining register in sign-to-English interpreting". *Sign Language Interpreting* 16(57), 295-322.

SHLESINGER, M. (1989). *Simultaneous interpreting as a factor in effecting shifts in the position of texts on the oral-literate continuum*. MA thesis, Tel Aviv University.

SHLESINGER, M. (1995). "Stranger in paradigms: What lies ahead for simultaneous interpreting research?" *Target*. 7(1), 7-28.

- SIMON, J. (1994). An ethnographic study of sign language interpreter education. Phd dissertation, University of Arizona.
- SIPLE, L. (1995). The use of addition in sign language transliteration. Phd dissertation, University of New York at Buffalo.
- SOFINSKI, B. (2003). "Adverbials, constructed dialogue, and use of space, Oh My!: Nonmanual elements used in signed language transliteration". M. Metzger, S. Collins, V. Dively & R. Shaw (eds). *From Topic Boundaries to Omission: New Research on Interpretation, Studies in Interpretation*, vol. 1. Washington, DC: Gallaudet University Press, 154-186.
- SOFINSKI, B., N. Yesbeck, S. Gerhold & M. Bach-Hansen (2001). "Features of voice-to-sign transliteration by educational interpreters". *Journal of Interpretation* 18, 47-68.
- STEINBERG, J. (2003). The use of existing video conferencing technology to deliver video remote interpreting services for Deaf vocational rehabilitation clients. Phd dissertation, University of Arizona.
- STRONG, M. & S. RUDSER. (1986). "The subjective assessment of sign language interpreters". *Sign Language Studies*. 15(53), 299-314.
- TATE, G. & G. TURNER. (2001). "The code and the culture: Sign language interpreting – in search of the new breed's ethics". F. Harrington & G. Turner (eds). *Interpreting interpreting: Studies and reflections on sign language interpreting*. Coleford, England: Douglas McLean. 53-66.
- TOURY, G. (1995). *Descriptive translation studies and beyond*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- TURNER, G. & C. TAYLOR. (2001). "Working paper on access to justice for Deaf people". F. Harrington & G. Turner (eds). *Interpreting Interpreting: Studies and Reflections on Sign Language Interpreting*. Coleford, England: Douglas McLean, 168-216.

VERMEER, H.J. (1989/2000). "Skopos and commission in translational action". L. Venuti (ed.). *The Translation Studies Reader*. London/New York: Routledge. 221-232.

WADENSJÖ, C. (1992). *Interpreting as interaction: On dialogue interpreting in immigration hearings and medical encounters*. Linköping University: Linköping Studies in Arts and Sciences.

WADENSJÖ, C. (1998). *Interpreting as interaction*. London/New York: Longman.

WATSON, J. (1987). "Interpreter burnout". *Journal of Interpretation*, 79-86.

WINSTON, E. (1989). "Transliteration: What's the message?" C. Lucas (ed.). *The sociolinguistics of the Deaf community*. San Diego: Academic Press, 147-164.

WINSTON, E. & C. MONIKOWSKI. (2003). "Marking topic boundaries in signed interpretation and transliteration". M. Metzger, S. Collins, V. Dively & R. Shaw (eds). *From Topic Boundaries to Omission: New Research on Interpretation*, *Studies in Interpretation*, vol. 1. Washington, DC: Gallaudet University Press, 187-227.

ZIMMER, J. (1989). "ASL/English interpreting in an interactive setting". D. Hammond (ed.). *Proceedings of the 30th Annual Conference of the American Translator's Association*. Medford, NJ: Learned Information, 225-231.

